

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

1 INTRODUÇÃO

Esta análise tem como propósito apresentar o desempenho do mercado de trabalho brasileiro no primeiro trimestre de 2011 com base, principalmente, nos indicadores da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Complementarmente, serão utilizadas as informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A evolução dos principais indicadores de desempenho do mercado de trabalho será interpretada à luz dos resultados obtidos nos anos anteriores, focando principalmente o mesmo período do ano de 2010, de modo a minimizar interferências de ordem sazonal.

Ao se analisar os dados referentes ao mercado de trabalho metropolitano brasileiro no primeiro trimestre de 2011, é possível confirmar uma boa performance, dando continuidade ao processo já destacado em 2010. A taxa de informalidade continua em queda, alcançando em março 35,4% – seu menor valor. O nível de desemprego, apesar de registrar uma elevação sazonal, alcançou o menor patamar para o primeiro trimestre na série histórica da PME iniciada em 2003.¹ Podemos destacar também o aumento do nível de ocupação e dos rendimentos reais em relação ao mesmo período de 2010.

2 TAXA DE ATIVIDADE E DESEMPREGO

O gráfico 1 ilustra a evolução da taxa de atividade² ao longo dos anos de 2008 a 2011. Nota-se que, em 2011, essa taxa apresentou um comportamento bem parecido com o do mesmo período do ano anterior, registrando o mesmo nível em fevereiro e março (56,8% e 57,0%, respectivamente). De fato, as médias do primeiro trimestre de 2011 (56,7%) e do mesmo período de 2010 (56,8%) são praticamente coincidentes.

Na análise comparativa entre os períodos de tempo por região metropolitana (RM), a taxa de atividade aumenta para Porto Alegre e Recife –1,1 ponto percentual (p.p.) e 0,4 p.p., respectivamente. Todavia, Belo Horizonte apresenta um crescimento praticamente nulo e Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo uma redução nesse indicador (–0,5 p.p., –0,3 p.p. e –0,2 p.p., respectivamente).

O gráfico 2 mostra a trajetória da taxa de desemprego para o agregado das RMs entre 2008 e 2011. No primeiro trimestre de 2011, ela apresentou um valor médio de 6,3%, ficando 1,1 p.p. abaixo do verificado para os três primeiros meses de 2010, o menor patamar já registrado para o período desde 2003.

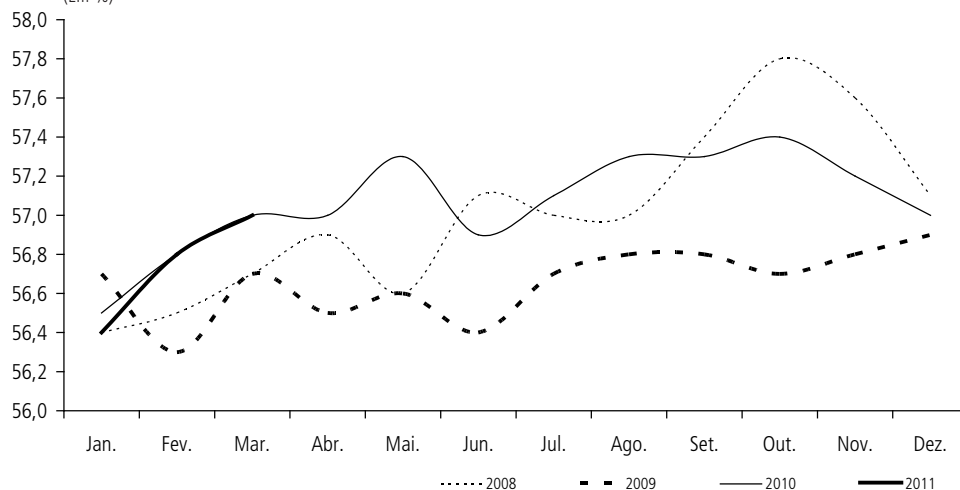
1. Primeiro ano para o qual existem dados referentes ao primeiro trimestre de acordo com a nova metodologia da PME.

2. Taxa de atividade ou taxa de participação é o percentual de pessoas economicamente ativas (PEA) em relação às pessoas em idade ativa (PIA).

GRÁFICO 1

Taxa de atividade

(Em %)

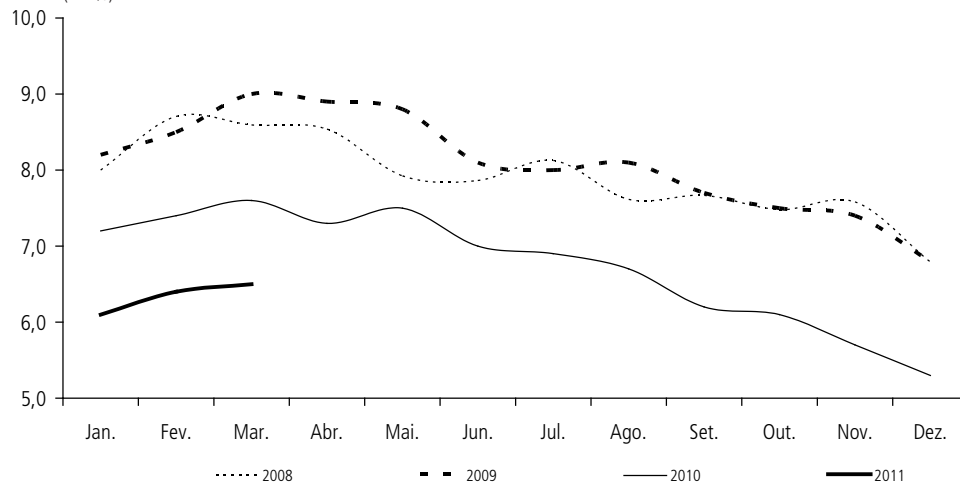


Fonte: PME/IBGE.

GRÁFICO 2

Taxa de desocupação

(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Na desagregação desse indicador por RM, há uma queda na média trimestral em praticamente todas as RMs entre 2011 e 2010, sendo São Paulo o responsável pela maior diferença (−1,6 p.p.).³ Da mesma forma há uma evolução favorável da taxa de desemprego para quase todas as categorias nos demais recortes usualmente analisados neste boletim, como faixa etária, gênero, grau de instrução e posição na família.⁴

As taxas de desemprego apuradas pela PED, do Dieese, confirmam o quadro analisado acima. Embora haja uma tendência de aumento da taxa de desocupação no primeiro trimestre de 2011, que fechou o mês de março em 11,2%, vale destacar que ela se encontra bem abaixo da registrada para o mesmo período de 2010 – 13,7%. Na comparação das

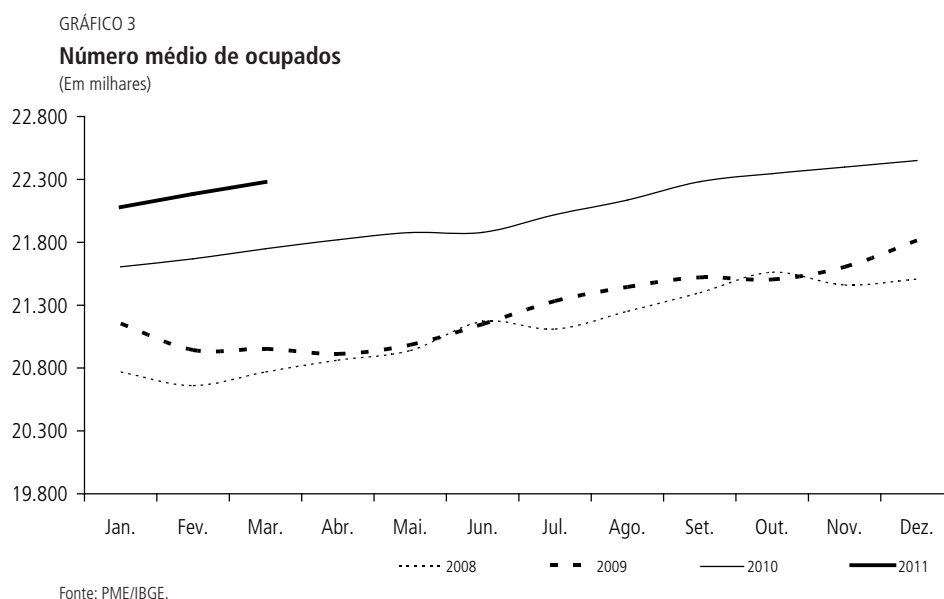
3. Na comparação da média trimestral de 2011 com 2010, as demais regiões apresentaram os seguintes resultados: Recife, −1,0 p.p.; Salvador, −0,9 p.p.; Rio de Janeiro, −0,8 p.p.; Belo Horizonte, −0,7 p.p.; e Porto Alegre, 0,6 p.p.

4. Ver Anexo Estatístico.

médias trimestrais, a taxa de desemprego em 2011 teve uma redução de 2,4 p.p. em relação ao primeiro trimestre de 2010. Quanto à desagregação regional, todas as RMs registraram redução da taxa de desemprego na comparação entre os trimestres deste ano e do ano anterior

3 OCUPAÇÃO E INFORMALIDADE

A população ocupada cresceu em média 2,3% no primeiro trimestre de 2011 em relação ao ano anterior, o que equivale a uma geração de 507 mil postos de trabalho acima do registrado no mesmo período de 2010. Algum crescimento poderia ser deduzido da análise acima, na qual mostramos uma combinação de taxa de atividade estável e taxa de desemprego em queda. No último mês de março a PME registrou a marca de 22,3 milhões de indivíduos ocupados nas RMs cobertas por sua amostra. A evolução mensal deste indicador entre os anos de 2008 e 2011 é apresentada no gráfico 3.



Dentre as RMs cobertas pela PME, todas tiveram variações positivas ao comparar o desempenho médio da ocupação de 2011 com valores médios de 2010.⁵ Nessa comparação destacam-se as RMs de Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte que obtiveram crescimentos de 4,3%, 3,1% e 3,0 %, respectivamente, no período em estudo.

No que diz respeito à distribuição setorial da população ocupada, o confronto entre valores trimestrais de 2011 e 2010 mostra que praticamente todos os setores de atividade considerados cresceram. Dentre os setores de maior representatividade no total de ocupações, merecem destaque os segmentos de intermediação financeira⁶ (4,3%), administração pública⁷ (3,1%) e indústria⁸ (2,7%) por registrarem aumentos significativos no período, contribuindo para o bom desempenho da ocupação. O setor de construção, por sua vez,

5. Crescimento das demais RMs pesquisadas entre o ano de 2010 e 2009: São Paulo, 2,3%; Salvador, 1,8%; e Rio de Janeiro, 1,4%.

6. Esse agrupamento abrange, também, os serviços prestados a empresas, aluguéis e atividades imobiliárias.

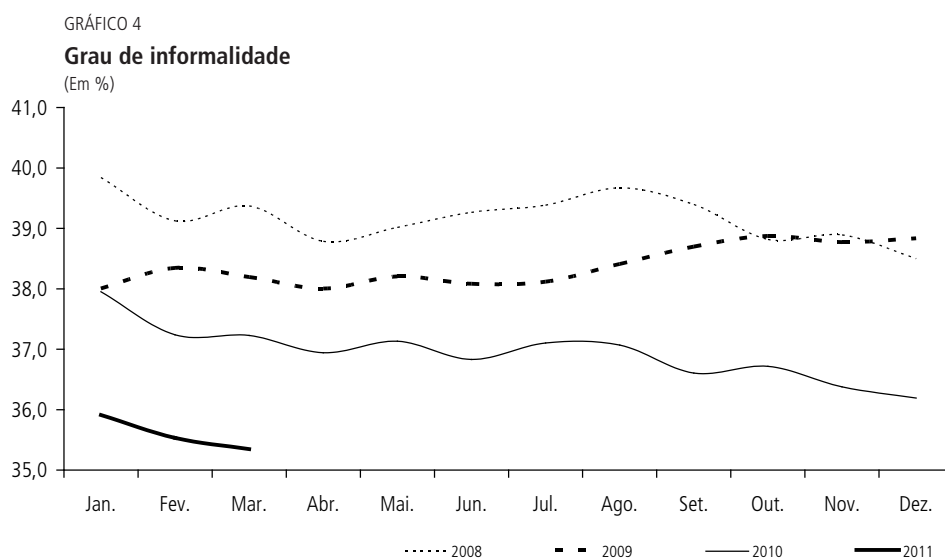
7. Esse agrupamento abrange, além da administração pública, educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

8. Nesse agrupamento as atividades consideradas são de indústria extrativa e transformação e de produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

apresentou estabilidade frente a 2010. Para os demais setores a variação se deu da seguinte forma: outros serviços⁹ com 5,2%, outras atividades¹⁰ com 3,8% e comércio¹¹ com 1,4%.

Com relação ao CAGED, cabe dizer que os dados apresentaram impressões um pouco distintas das verificadas com base na PME. É importante frisar as diferenças de cobertura dessas duas fontes de informação.¹² A análise trimestral da variação por setor de atividade mostra divergências consideráveis, sobretudo para o setor de construção, do comércio e da indústria. Enquanto nesses setores o CAGED registra uma piora considerável no primeiro trimestre, na PME não se verificam tais movimentos. Cabe destacar também que março registrou o maior volume mensal de demissões da série do CAGED ajustada desde 2002, com 1,67 milhão de desligamentos. Contudo, as admissões foram elevadas, somando cerca de 1,77 milhão que resultaram na criação líquida de 92.675 novos empregos.

Quanto à composição da população ocupada segundo a posição na ocupação, o contingente de empregados com carteira de trabalho assinada teve um crescimento de 6,3% em 2011 com relação a 2010, o que equivale, em valores absolutos, a aproximadamente 691 mil novos contratos com carteira assinada. Já o emprego sem carteira de trabalho assinada teve uma redução de 4,2% na comparação das médias trimestrais. Esse resultado confirma a crescente formalização dos postos de trabalho,¹³ ou, se quiser, a trajetória de queda do grau de informalidade.¹⁴ No mês de março esse indicador chegou a 35,4%, o que caracteriza o menor valor já registrado. Em relação aos anos anteriores, o gráfico 4 permite dizer que o nível de informalidade médio da população ocupada ficou em 35,6% nos três primeiros meses de 2011, o que em relação ao primeiro trimestre de 2010 (37,5%) representa uma queda de 1,9 p.p.



9. Esse agrupamento abrange as seções de alojamento e alimentação, transporte, armazenagem e comunicação.

10. A categoria abrange as atividades de agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal; pesca; organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais; e atividades mal especificadas.

11. Esse agrupamento inclui, além das atividades de comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos e comércio a varejo de combustíveis.

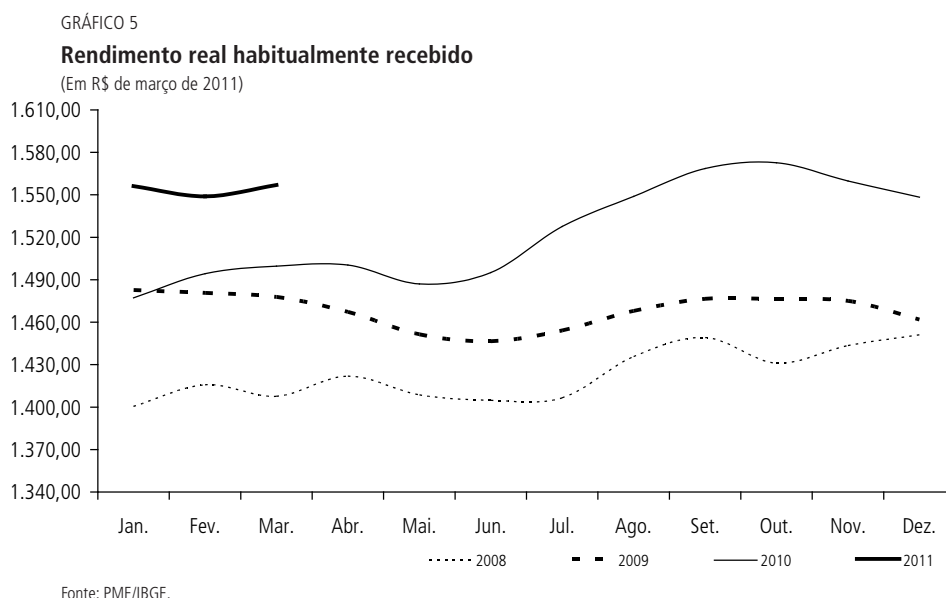
12. Por um lado o CAGED cobre todo o território nacional; por outro lado, essa fonte de informação lida apenas com os vínculos formais.

13. O comportamento das demais posições na ocupação no 1º trimestre de 2010 com relação a 2009 se deu da seguinte forma: militares e empregados – Regime Jurídico Único (RJU) – 4,7%; não remunerados que eram empregados, -4,0%; empregadores, -3,5%; conta-própria, -0,9%; não remunerados, conta-própria ou empregador, -17,9%.

14. O grau de informalidade aqui utilizado é definido como a razão entre trabalhadores sem carteira, por conta própria e não remunerados sobre o total de ocupados.

4 RENDIMENTO E MASSA SALARIAL

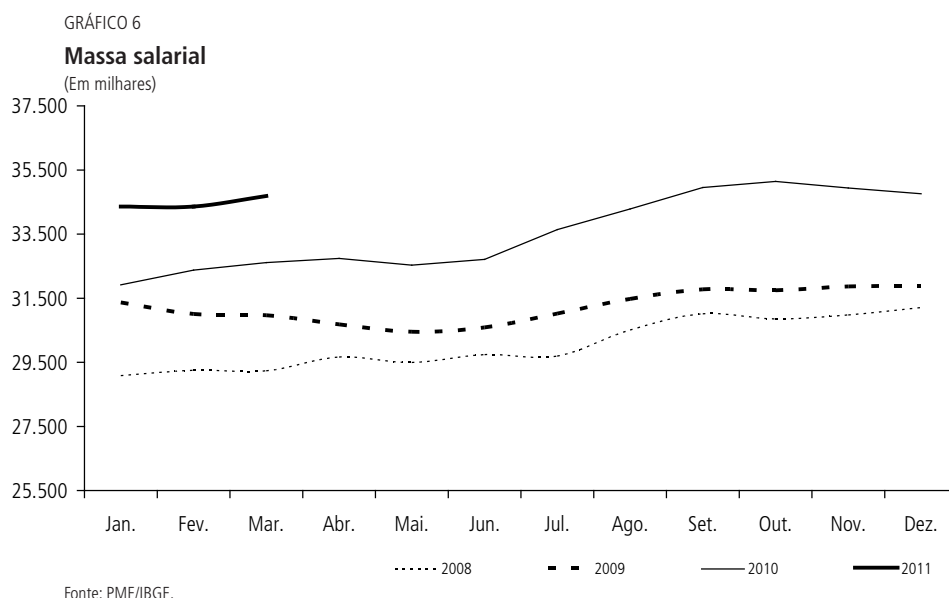
No primeiro trimestre de 2011, o rendimento médio real habitualmente recebido nas seis RMs analisadas na PME ficou em torno de R\$ 1.554,00. A evolução mensal deste indicador nos últimos anos pode ser observada no gráfico 5. Nele, constata-se que o rendimento se encontra em patamares superiores aos dos anos anteriores, com uma diferença de 4,3% em relação à média do primeiro trimestre de 2010.



A elevação anual dos rendimentos foi registrada para todos os grupos por posição na ocupação. Mantendo a comparação na esfera trimestral ($1^{\circ}/2011 \times 1^{\circ}/2010$), os dados revelam que o rendimento dos trabalhadores por conta própria cresceu 6,8%, enquanto o dos empregados do setor público, 5,1%, e do setor privado, 2,7%. A desagregação dos rendimentos deste último grupo mostra que os trabalhadores sem carteira assinada tiveram um aumento de 7,6%, bem superior à variação de 1,2% dos empregados com carteira assinada. É bem provável que essa divergência na evolução dos rendimentos entre empregados com e sem carteira seja influenciada pela divergência observada anteriormente na evolução do contingente desses dois grupos entre os ocupados, em que o sem carteira perde espaço para o com carteira. Ou seja, sendo a qualificação e o salário do empregado sem carteira tipicamente menor do que a do com carteira, um fluxo de trabalhadores do primeiro grupo para o segundo tende a pressionar o salário médio do com carteira para baixo.

Direcionando o foco para as RMs, observa-se que todas elas tiveram aumento deste indicador, com destaque para Recife (12,3%) e Rio de Janeiro (10,3%). São Paulo, por sua vez, manteve-se praticamente estável, com uma variação de apenas 0,3% nos rendimentos.

O gráfico 6 apresenta a evolução da massa salarial entre os anos de 2008 e 2011. Nele podemos observar que a massa salarial permaneceu praticamente constante nos dois primeiros meses do ano e teve um leve aumento em março. Esse comportamento é explicado tanto pelo aumento dos rendimentos no último mês quanto pelo aumento do número de ocupados. A variação da média trimestral da massa salarial entre 2010 e 2011 foi de 6,7%.



Os indicadores analisados no primeiro trimestre de 2011 apontam uma continuidade do bom desempenho do mercado de trabalho brasileiro. Tal como assinalado nas últimas edições deste boletim, desemprego e informalidade mais uma vez se destacam como pontos positivos ao registrarem números cada vez mais baixos. Já o aumento da massa salarial pode desencadear dois processos que teriam efeitos em direções opostas sobre a continuidade das quedas das taxas de desemprego e informalidade. Por um lado, por apresentar correlação positiva com o consumo, pode ser um elemento que sustente uma continuidade do processo que estamos vivenciando. Por outro lado, por ser um fator de pressão sobre os preços, e dada a atual preocupação do governo com o cumprimento da meta inflacionária de 2011, pode induzir a adoção de medidas de contenção da demanda.